

SUPERAÇÃO DE OBSTÁCULOS ATÉ A PRATA

Ao se aproximar da linha de chegada da prova, Caio Bonfim observa os concorrentes, cruza a faixa e ajoelha em agradecimento à conquista nas ruas da capital francesa

DANILO QUEIROZ E VÍCTOR PERRINI

ENVIADOS ESPECIAIS A PARIS

Torre Eiffel, manhã de 1º de agosto de 2024. O dia em que os meios justificaram o primeiro "bom fim" de Caio e do Brasil na marcha atlética em Olimpíada. Doze anos, três tentativas frustradas, muito preconceito e xingamentos depois, a referência das pistas de Sobradinho pode se orgulhar e dizer que é o primeiro medalhista olímpico do país na modalidade. A prata obtida ontem pelo brasileiro nos 20km da prova foi construída na base da perseverança, foco e, claro, pés no chão, "abençoada" pelo principal cartão-postal da Cidade Luz.

A postura de Caio Bonfim, de 33 anos, em todos os momentos da decisão chama a atenção. Tudo começa pelo aquecimento. A prova, vencida pelo equatoriano Brian Daniel Pintado, começou com 30 minutos de atraso devido às chuvas no início da manhã parisiense. Instantes antes da largada, a reportagem flagrou uma versão inquietada do atleta, marchando para lá e para cá, enquanto os concorrentes aguardavam quase imóveis a autorização para partirem. Era tudo um ensaio para o momento que viria 1h19min09s depois.

Caio se preparou para viver esse momento diversas vezes durante treinamentos no Estádio Augustinho Lima. Idealizou até uma versão de si capaz de levá-lo ao topo do esporte dominado por europeus e asiáticos.

"Sobradinho é uma cidade-satélite de Brasília. Marchando naquelas ruas, ganhei várias medalhas olímpicas, sonhando. Não pensei nisso durante a prova, porque é preciso ser racional, é nos treinos. Isso estava no íntimo do meu coração. Eu queria ter a saída do Rio-2016, a experiência de Tóquio-2020 e o primeiro amor de Londres-2012. Conseguimos aqui."

Em Londres, Caio era uma jovem promessa de 21 anos empolgada pela estreia. Quatro anos depois, tornou-se realidade, mas tomou um chacoalho ao bater na trave com o quarto lugar no Rio de Janeiro. Em Tóquio-2020, competia novamente sob altas expectativas. No entanto, falhou. As decepções o levavam a pensar se haveria outra oportunidade.

"Tive de trabalhar para conseguir. Cheguei tão perto, mas tenho muito orgulho do meu quarto lugar, abriu muitas portas para mim. Na minha cidade, brinco que antes da



FOTOS: ABLARDO MENDES (R)/ESP. CORREIO (D). PRESS

CAIO BONFIM SUPERA OBSTÁCULOS PESSOAIS, A FALTA DE MEDALHAS EM TRÊS OLIMPIADAS E CONQUISTA O SEGUNDO LUGAR NA MARCHA ATLÉTICA DE 20 KM

“Sobradinho (onde mora) é uma cidade-satélite de Brasília. Marchando naquelas ruas, ganhei várias medalhas olímpicas, sonhando”

●●●●
CAIO BONFIM
Atleta de marcha atlética

Olimpíada eu era xingado quando ia marchar. Depois, o som da buzina mudou e os caras até exigiam: 'Bora campeão, está lutando'. Eu queria mudar isso", conta.

Os Jogos de Paris-2024 não acabaram para Caio Bonfim. Ele retorna às pistas em 7 de agosto para a disputa do revezamento misto dos 20km ao lado da carioca Viviane Lyra.

CRÍTICAS E PRECONCEITO

Inúmeras vezes, Caio Bonfim foi alvo de críticas e preconceito, mas jamais abaixou a cabeça. Sempre foi pés no chão. "É preciso

coragem para viver de margem atlética. Dos primeiros anos, na escola até eu ir para uma Olimpíada, atleta era considerado vagabundo. Olhando onde estamos", reforça.

"Chegamos aqui para o trabalho de uma vida. Não sei dizer o que significa isso tudo. Não estou acostumado a ouvir 'medalhista olímpico'. Sempre foi um sonho. Sou de Brasília, cresci com Joaquim Cruz. Hoje, tenho uma medalha igual a dele para levar para casa - Cruz foi segundo dos 800m em Seul-1988 e outro em Los Angeles-1984. É um momento muito especial, que representa todos esses anos, não só o ciclo olímpico", discursa. ■

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: No Ataque Pagina: 44